

RELAÇÕES INTERPESSOAIS NO AMBIENTE ESCOLAR SOB A VISÃO DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA

**GT 06 – Formação de professores de matemática: práticas, saberes e desenvolvimento
profissional**

**Liane Petry – PUCRS - lianesolpetry@hotmail.com
Vagner Jorge – PUCRS - vagnerjorge@superig.com.br**

Resumo: O presente trabalho enfoca diversas particularidades que envolvem Relações Interpessoais, dentre elas sua influência na aprendizagem, a dinâmica como ocorrem no ambiente escolar, as dificuldades encontradas para que seja efetiva e as soluções para sanar esses obstáculos do cotidiano escolar. Teve como objetivo investigar e mapear as representações sobre a prática docente, constituída de um grupo de professores envolvidos em discussões, reflexões e depoimentos sobre práticas docentes em disciplinas de Ciências e Matemática, a partir do contexto de cada participante. Os resultados parecem confirmar que as relações interpessoais, nas concepções dos professores, são importantíssimas para a educação e principalmente para o desenvolvimento humano.

Palavras-chave: Relações Interpessoais; Professor; Aluno; Escola.

Introdução

Nos dias atuais, o mundo é regido por mudanças que ocorrem numa velocidade acelerada, aumentando a competição entre as pessoas. O convívio social tem se tornado cada vez mais complicado. Buscando melhorar as relações interpessoais, devemos inicialmente compreender que cada indivíduo tem sua complexidade e personalidade própria, que é construída ao longo de sua vida. Os traços morais distintos de uma pessoa são influenciados pelo ambiente familiar em que o indivíduo vive, nos aspectos culturais da sociedade em que está inserido, pela idade ou estágio de amadurecimento, herança genética, dentre outros fatores. Por sermos indivíduos diferentes uns dos outros, pensamos e agimos de forma única.

Este trabalho, na área da Educação em Ciências e Matemática, trata de assuntos relacionados a concepções e representações de mestrandos sobre a importância das relações interpessoais no meio escolar. Teve como sujeitos de pesquisa mestrandos em Ciências e Matemática da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, que estão ou já estiveram inseridos em atuação escolar.

O artigo está dividido em quatro partes: A primeira seção trata de como as relações interpessoais influenciam na aprendizagem dos alunos, na visão dos mestrandos de Educação em Ciências e Matemática. Na segunda seção discute-se o aprendizado que os mestrandos adquiriram em suas experiências sobre a dinâmica das relações, no cotidiano do ambiente da

escola. Trata também do valor da união, que é imprescindível entre professores, e a parceria que deve ser criada entre professor e aluno. A terceira seção descreve as principais dificuldades encontradas pelos mestrandos na atuação escolar e, por último, finaliza-se com algumas soluções utilizadas pelos mestrandos para sanar estas dificuldades.

1. A INFLUÊNCIA DAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS NA APRENDIZAGEM

“Este desenvolvimento do ser humano, que se desenrola desde o nascimento até a morte, é um processo dialético que começa pelo conhecimento de si mesmo para se abrir, em seguida, a relação com o outro. Neste sentido, a educação é antes de mais nada uma viagem interior, cujas etapas correspondem as da maturação contínua da personalidade (...)” (DELORS, 1988, p. 82)

Muitos dos equívocos que cometemos em todos os níveis da nossa vida ocorrem pelos excessos. Na educação dos filhos, quando os pais fazem todas as vontades, dizendo “sim” para tudo o que eles querem, correm sério risco de transformá-los, muitas vezes, em pessoas sem limites e sem respeito diante das situações que a vida lhes apresenta e perante as pessoas que venham a se relacionar com eles. Na academia, quando queremos perder alguns quilos, pela pressa de entrar em forma ou ganhar o tempo perdido pelo sedentarismo, excedemos nos exercícios físicos prejudicando nossa condição física. Na relação marido e mulher, quando um dos cônjuges excede no ciúme, pelo medo da perda, trata o outro como se fosse mercadoria, fazendo com que o relacionamento desmorone.

O equilíbrio é a dose correta para que se obtenha os melhores resultados em tudo. No meio escolar não é diferente. Segundo Mentis (1997, p. 13), “a aprendizagem mediada permite ao indivíduo desenvolver habilidades de pensamento eficientes, possibilitando-o tornar-se aprendiz independente e autônomo. A aprendizagem mediada e a cognição podem fazer o trajeto da aprendizagem efetiva”. Assim, a boa relação entre professor e aluno é um dos princípios fundamentais para se desenvolver equilíbrio no sucesso do ensino aprendizagem, mediando as apreensões e as dúvidas existentes.

As relações interpessoais e a aprendizagem possuem uma característica em comum. Para que venham a acontecer é necessário pelo menos duas pessoas. Nesta relação ocorre a troca de experiências, em que o aluno aprende os conteúdos programáticos e permite aos professores a tomada de ações que os conduzam a reflexões sobre suas práticas pedagógicas, proporcionando, deste modo, um aprimoramento e uma adequação destas ações. As práticas pedagógicas devem sempre estar pautadas em objetivos claros, que conduzam os educandos a

construir seus próprios conhecimentos e saberes, a partir dos conceitos anteriormente estabelecidos. Dessa forma, para a construção de novos conhecimentos é importante que o aluno estabeleça conexões com experiências anteriores, vivências, leituras, e atribua significados ao que está aprendendo. Os conhecimentos prévios, além de permitirem realizar um contato com o novo conteúdo, são imprescindíveis para que o aluno construa o seu conhecimento. (MIRAS,1999).

Constantemente ouvimos alunos afirmando adorar o professor mas não gostar do conteúdo. Quando o educador está atento a isso, pode aproveitar a boa relação que tem com o estudante para envolvê-lo numa estratégia que vise à construção do interesse pela disciplina. A simpatia que os alunos possuem pelo professor impulsiona-os a gostar daquilo que ele faz.

Segundo D'Ambrosio (1999, p.89), “aprendizagem é a aquisição de capacidade de explicar, de aprender e compreender, de enfrentar, criticamente, situações novas. Não é o mero domínio de técnicas, habilidades e muito menos a memorização de algumas explicações e teorias”. Agir dentro desta idéia só é possível quando gostamos do que fazemos, ou seja, o professor precisa gostar do que faz. Isso faz toda a diferença na forma como nos relacionamos com os alunos e como iremos preparar nossas metodologias, pois quando não gostamos das atividades do nosso dia a dia, o trabalho torna-se um sofrível castigo que é transferido ao aluno, mesmo de forma inconsciente.

A auto-avaliação é um meio para que possamos averiguar se estamos no caminho certo de uma prática produtiva e efetiva. Educar é uma arte que se ensina com amor, sendo que um professor que ama o que faz está sempre motivado.

Para ensinar precisamos nos comprometer (FREIRE, 2001) e, como educadores, temos a missão de direcionar os caminhos, orientar, motivar, aconselhar, instruir, incentivar, mediar, compreender, criar espaços alternativos e estimular cada um dos alunos, para que alcancem o aprendizado, valorizando as habilidades e competências de cada um, tornando assim a educação e o ambiente escolar mais prazeroso.

As situações de aprendizagem oportunizadas pelo professor devem primar pela interação, trocas de experiências e diálogos entre os sujeitos. Proporcionando a possibilidade de livre expressão dos alunos, o professor incentiva-os a exporem suas idéias e, também, ao confronto de opiniões.

Não há como existir aprendizagem sem ao menos duas pessoas atuantes. Antunes (2003) destaca que se há conversa entre os alunos, isso é bom. Devemos saber fazer desta notável qualidade humana uma “ferramenta” de ensino. Precisamos usar da conversa do

aluno, que é o que ele tem de mais valioso em sua vida, como instrumento para um trabalho pedagógico essencial. Devemos conversar com nossos alunos e deixá-los conversarem entre si.

É muito normal ouvir um professor dizer que a aula excelente é aquela em que não se ouve uma só conversa. É uma idéia ultrapassada, pois se os alunos não se expressam, pela conversa, conseqüentemente a aula não é produtiva. Em aulas assim os alunos ficam apenas copiando aquilo que lhes é apresentado. Os monólogos, proporcionados pelos professores, com uma fala longa e reflexiva, produzem sono nos alunos. Atitudes assim não propiciam um ambiente para a aprendizagem.

Na maioria das escolas encontramos as crianças sentadas em fileiras, recebendo dos professores, que “despejam” sobre eles, listas de exercícios e teorias sem sentido nas suas concepções. Assim como o livro didático que é utilizado, em algumas situações, de forma que os alunos fiquem ocupados, sem levar em consideração os objetivos reais da sua utilização. No entanto, para que haja um bom aprendizado, sabemos que é essencial uma boa relação de ambas as partes, sempre embasada pelo diálogo, de modo que o aluno consiga confiar no professor.

É necessário uma libertação dos professores de seus condicionamentos, e para isso devemos primeiramente fazer uma reflexão profunda de nossa prática pedagógica, compreender nossos sentimentos e saber como agir e reagir diante deles, tendo coragem de nos lançarmos sobre o desconhecido da prática e da atualização. Um dos papéis do professor é assumir-se como expositor de desafios, instigador de perguntas, e isso só acontece quando revemos as nossas práticas. O professor que avalia sua prática, sempre busca uma nova forma de trabalhar os conteúdos com possibilidades de melhoria da qualidade do ensino, devendo ser um “ser” transcendente, ativo, atualizado, inovador, indagador, com atitudes emancipatórias, responsabilidade social e que sempre se questione em relação a sua prática, envolvendo e cativando seu aluno pela argumentação.

A base para um ambiente propício no ensino e aprendizagem é o respeito. O ambiente da sala de aula estará em harmonia se houver respeito de ambas as partes, tanto do professor em relação ao aluno quanto do aluno em relação ao professor.

Vale ressaltar ainda a importância do trabalho coletivo para que haja socialização entre os alunos. Eles precisam expressar suas idéias e saber ouvir, de maneira que venham a respeitar as idéias dos demais colegas.

Em sala de aula, é comum ouvirmos as expressões “eu não sei fazer” ou “eu não

consigo fazer”. Como educadores precisamos nos relacionar com o aluno de maneira que possamos instigá-lo, fazendo-o pensar e desenvolver suas habilidades e competências individuais, raciocinar sobre determinado assunto a partir do lançamento de desafios, saber buscar informações e estimular a curiosidade pela busca do conhecimento. Assim o professor precisa “acender a chama da curiosidade” de seu aluno, ou então, não deixá-la apagar.

O rendimento escolar, em algumas experiências, demonstra que está intimamente relacionado com as expectativas que os professores têm a respeito de seus alunos (MOSQUERA, 1984). Isso nos leva a refletir sobre a importância de estarmos sempre abertos ao diálogo, compreendendo as atitudes e buscando conhecer cada um dos nossos alunos, evitando julgamentos precipitados pré-conceitos referentes a determinados indivíduos ou à turma no geral.

2. A DINÂMICA DAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS NO AMBIENTE ESCOLAR

Valores imprescindíveis, como respeito, são elementos que diferenciam o ser humano de outros seres. Porém, devido à competição em que vivemos, com a intenção de ascensão social, muitas vezes deixamos de respeitar os nossos semelhantes. Abreu & Masetto (1990, p.115), afirma que “é o modo de agir do professor em sala de aula, mais do que suas características de personalidade, que colabora para uma adequada aprendizagem dos alunos; fundamenta-se numa determinada concepção do papel do professor, que por sua vez reflete valores e padrões da sociedade”. O cuidado na forma como agimos em todo o ambiente escolar é um dos princípios que fazem com que os alunos construam seus valores. O professor é visto como um ideal pelo aluno, e seus exemplos são seguidos. Se o professor não tiver cuidado com a maneira como age, perde a possibilidade de influenciar o aluno e conseqüentemente de contribuir para que a sociedade em geral melhore, pois todas as manifestações na sociedade passam por construções na família, no lar, e na escola.

FRITZEN (1987, p. 73) afirma que “as relações interpessoais constituem a medula da vida. Elas formam e entretêm a nossa identidade pessoal. Em certo sentido, nós nos tornamos e ficamos aquilo que somos graças à atenção que nos é dispensada pelos outros”. Quando o professor admira seu aluno, valorizando as atitudes tomadas por ele que demonstram o seu desenvolvimento e progresso, a barreira que existe nas relações interpessoais se quebra e a inferioridade, que em alguns casos ocorre no íntimo do aluno, deixa de existir. A demonstração de admiração do professor pelo aluno, naquilo que foi feito em sala de aula,

brota no íntimo uma sensação de valorização e isto é muito importante. Os nossos valores são todos aqueles sentimentos que nos proporcionam motivação, que quando satisfeitos nos fazem sentir em estado de prazer e harmonia; quando há agressão, o inverso ocorre, e acabamos nos envolvendo em sensações de desconforto e mal-estar.

O diálogo entre os seres humanos é fundamental, pois através a comunicação apresenta-se como um instrumento e possibilidade de construção do conhecimento e de compreensão dos conteúdos. Segundo Gadotti (1991, p. 69) “o diálogo é uma exigência que possibilita a comunicação” e “para pôr em prática o diálogo, o educador deve colocar-se na posição humilde de quem não sabe tudo”. Este ato não é simplesmente conversar e trocar informações. Para que seja efetivo, os interlocutores precisam estar frente a à frente, as emoções devem ser sinceras e coerentes com as intenções mais íntimas de quem conversa.

Vivemos num mundo em que cada vez mais os valores materiais fazem com que venhamos a viver em correrias, distanciando-nos mais dos outros. É na sala de aula que o professor deve estimular seus alunos para o despertar de alguns hábitos e atitudes importantes para que possam assumir ações que os façam mais sociáveis e dignos de uma vida de bem.

Uma das formas de revertermos à situação, como educadores, é a unidade do sistema escolar, na boa relação entre os professores, no esforço de existir respeito, propiciando um ambiente harmônico de troca de experiências. Segundo Freire (2001, p. 102),

uma das qualidades essenciais que a autoridade docente democrática deve revelar em suas relações com as liberdades dos alunos é a segurança em si mesma. É a segurança que se expressa na firmeza com que atua, com que decide, com que respeita as liberdades, com que discute suas próprias posições, com que aceita rever-se.

Somente a entrega de todos e sinceridade na troca de experiências vivenciadas diluem as dúvidas e as incertezas que surgem no meio escolar. Uma boa relação entre professores, um servindo de suporte para o outro, faz com que as soluções dos problemas sejam encontradas mais facilmente. A relação de que tratamos não é a intimidade familiar, mas é aquela em que ocorram trocas na socialização de saberes, nas metodologias que dão certo e nos procedimentos mais adequados na prática em sala de aula. Esta relação faz com que informações sejam compartilhadas, produzindo soluções para possíveis problemas que venham surgir no dia a dia da escola.

Sentimos a necessidade de viver em grupos e de realizar, assim, trocas sociais com os outros. Essas características do ser humano têm como objetivos inter-relacionar suas idéias, conhecimentos, sugestões e aprovação de outros, bem como seus sentimentos e emoções.

Desta forma, professor e aluno devem construir juntos uma parceria no ambiente escolar. Como mediador da situação, é fundamental que o professor aja de forma respeitosa em relação ao aluno. Precisa partir do professor uma atitude de respeito, pois isso fará com que a aula se torne muito mais prazerosa e menos desgastante. Elias (2000, p. 99) destaca que “é por intermédio das modificações comportamentais da área afetiva que a escola pode contribuir para a fixação dos valores e dos ideais que a justificam como instituição social”.

O educar para Maturana (2002, p. 29), “se constitui no processo em que a criança ou o adulto convive com o outro e, ao conviver com o outro, se transforma espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o do outro no espaço de convivência”. O educar ocorre, portanto, todo o tempo e de maneira recíproca. A educação, em certos momentos, é atribuída a responsabilidades alheias. Quando assumimos isso, afirmando que nossa educação depende da educação dos outros, nos exilamos no esforço de nos melhorarmos. Na relação da vida em geral e no meio escolar a educação precisa ter uma conotação de formação de caracteres. A educação consiste num processo para o desenvolvimento físico, ético e moral dos alunos, não ocorrendo sem que haja esforço de todas as partes envolvidas na sociedade. “A educação não pode ser vista como um *depósito* de informação. Há muitas formas de transmissão do conhecimento, mas o ato de educar só se dá com afeto, só se completa com amor” (CHALITA, 2001, p. 11).

3. AS DIFICULDADES DAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS E A CONSTRUÇÃO DA AFETIVIDADE

Deve haver um relacionamento afetivo entre professor e aluno, transmitindo segurança ao mesmo, pois sabemos que uma criança que é compreendida torna-se mais sociável e, como consequência, um adulto com maiores chances de sociabilidade.

A afetividade é um fator muito importante nas relações interpessoais. A aproximação do professor com afeto desperta sentimentos bons no aluno, que às vezes estão latentes, dando subsídios para que ele venha se tornar um cidadão de bem, exercendo ações positivas na sociedade. Conforme Goleman (1995), não há como separar a afetividade do processo educativo, para tanto, o professor precisa ter muita paciência na aproximação com seus alunos. Nos dias de hoje é muito difícil prever as reações dos educandos que temos em sala de aula, se não tivermos o convívio diário e sensibilidade para perceber a personalidade de cada um. A sensibilidade é imprescindível para que se saiba lidar com as diferenças existentes na sala de aula.

Para Wadsworth (1997, p. 37), “o aspecto afetivo tem uma profunda influencia sobre o desenvolvimento intelectual”. Existem ocasiões em que a aproximação do professor não é efetiva, seja porque o aluno se sente muito desconfortável ou pelo simples fato de ser muito introspectivo. Nestes casos, a relação interpessoal entre alunos é muito importante. Segundo Moraes (2005, p. 28) “somos de enormes carências humanas, não apenas em termos de conhecimento, educação e qualidade de vida, mas também de afetividade e de espiritualidade”. Isso acaba afetando nossa vida pessoal, gerando muitas vezes tensões, estresse emocional, violência, desemprego, evasão, etc..

Quando o aluno não se *abre* com o professor, descrevendo suas apreensões, suas expectativas e suas frustrações, é na amizade com um colega que ele busca solidificar suas relações, o que acaba auxiliando na construção do conhecimento. Freire afirmava que ninguém aprende sozinho. É com o elo de amizade que a aprendizagem se dá de forma muito mais prazerosa. Goleman (1995, p.14) esclarece que “as aptidões emocionais podem e devem ser desenvolvidas no ambiente familiar e na escola”. Para o mesmo autor, nossas características emocionais são determinadas pela genética e se fortalecem ao longo da infância. Desta forma, nessa fase do desenvolvimento humano, se estreitam laços positivos ou negativos que se refletirão mais tarde na fase adulta.

A afetividade é um dos fatores que surgem nas relações interpessoais entre professor e aluno, mas nem sempre ocorre assim. Um dos exemplos é a relação entre professores de Matemática e a maioria dos alunos. A Matemática, até mesmo por fatores históricos, carrega certa rigidez no seu convívio escolar. Muitas vezes, os alunos associam o professor de Matemática aos conteúdos a serem trabalhados. Pelas metodologias normalmente aplicadas em sala de aula, sem constituir-se de modo prazeroso aos alunos, veiculam o professor como um sujeito severo e rigoroso e neste contexto ocorre uma generalização de que todos os professores de Matemática são frios e rígidos. A culpa desta impressão que os alunos criam recai sobre o professor, pois ele é o sujeito que “domina” o conteúdo e que deve “ensinar”. Portanto, a aula de matemática deve ser um espaço de interação e contextualização entre professores e alunos e entre os próprios alunos, onde o aluno se torne o protagonista do processo de aprendizagem.

A importância de nos preocuparmos com a afetividade no ambiente escolar está também expressa na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a Lei 9.394, segundo a qual, os dois princípios mais importantes da afetividade e do amor no âmbito escolar são o respeito à liberdade e o apreço à tolerância.

4. SOLUÇÕES PARA SUPERAR AS DIFICULDADES DAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS

Cultivar o sorriso, em alguns momentos conversar sobre assuntos informais, sem que prejudique o cronograma, comentar sobre uma música que é do nosso gosto e levar algumas curiosidades relacionadas à matéria ajuda a manter o bom humor e a harmonia em sala de aula, mesmo que não seja muito fácil estar nesta condição o tempo todo. Segundo Freire (2001, p.96),

[...] o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do *movimento* do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma “cantiga de ninar”. Seus alunos *cansam*, não *dormem*. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas”.

Até mesmo alguns alunos que se mostram rebeldes ficam mais tranqüilos quando os tratamos com a intenção da amizade ou com respeito. Quando percebem que não conseguem nos desestabilizar, a conquista se torna muito mais fácil. Um professor bem humorado está sempre disposto ao diálogo. Possui clareza para conduzir uma situação de conflito, pois tem coerência e imparcialidade. Com bom humor teremos sempre alunos parceiros, pois conquistamos a confiança deles pelos nossos atos.

O professor que mantém expressão muito fechada, sem mostrar sentimentos de afetividade, conquista o respeito dos alunos, pelo medo. Se não existe uma interação do aluno com as aulas, o aprendizado não acontece e impõe o “respeito” aos alunos, pelo medo. O professor que expressa mau humor, para manter a ordem e a disciplina, não propicia ao aluno a possibilidade de perguntar e de fazer críticas, transformando a sala de aula num ambiente silencioso e tenso. O sentimento receoso em relação aos “erros”, que normalmente não são tolerados por professores extremamente mal humorados e disciplinadores, impera em salas em que estes estão atuando.

O bom humor é imprescindível para superar as dificuldades nos relacionamentos, pois com o bom humor teremos tolerância com as atitudes e com os atos dos nossos colegas e alunos. Um professor bem humorado está sempre disposto ao diálogo, possui clareza para conduzir uma situação de conflito, tendo coerência e imparcialidade; com bom humor teremos sempre alunos parceiros, pois conquistamos a confiança deles pelos nossos atos. Segundo Freire,

o professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca. (FREIRE, 2001 p 73)

Em muitas situações de sala de aula, vemos professores que parecem se esquecer que estão trabalhando com seres humanos, podando a criatividade do seu aluno com atividades mecânicas e sem fundamentação prática, tornando a escola um espaço de mera transmissão de conteúdos, desestimulando dessa forma o aluno a novas experiências, tendo como uma das conseqüência dessas atitudes a evasão dos alunos de suas aulas ou até da escola. Para Vygotsky (1994, p. 99) “o único bom ensino é o que adianta ao desenvolvimento. Uma boa escola deve ser estimulante para o aprender”. Torna-se, portanto, necessário criar em nossas escolas um ambiente agradável e acolhedor, tornando nossas aulas mais prazerosas, despertando no aluno o prazer de estudar e aprender, tornando-os cidadãos críticos, criativos com capacidade de produzir coisas inovadoras.

Devemos ter consciência de que numa sala de aula todos os alunos possuem uma individualidade. Cada um pensa de forma diferente, torce para times diferentes ou possui uma certa religião. A reação de cada um depende de como está organizada sua estrutura e é esta estrutura que rege as reações. As estruturas vão se modificando com o passar do tempo, pois o sujeito está exposto a diferentes circunstâncias e meios que os transformam como ser vivo (MATURANA, 1993).

É preciso reconhecer que os professores não possuem apenas saberes, mas também competências profissionais, que não se reduzem ao domínio dos conteúdos a serem ensinados, e aceitar a idéia de que a evolução exige que todos os professores possuam competências antes reservadas aos inovadores ou àqueles que precisavam lidar com públicos difíceis (Perrenoud, 2000).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que as ações do planejamento sejam efetivas no ensino e aprendizagem dos alunos é imprescindível que os professores sejam atuantes e interativos em todo o espaço escolar. Na atuação, no cuidado, na maneira como nos relacionamos com os alunos, o modo como respondemos ou recebemos os estímulos deve ocorrer de forma que os valores inatos dos estudantes não sejam agredidos.

A sensibilidade que nós professores teremos, na maneira como agir em sala de aula,

dependerá de como percebemos as intenções dos alunos. Este é um dos motivos pelos quais a união entre colegas e as trocas de experiências auxiliam no enfrentamento das dificuldades que surgem a cada dia, pois cada professor constrói uma imagem diferente de cada turma. Quanto mais entrelaçados, num ambiente de tranquilidade, estivermos com os alunos, maior será a afetividade que construiremos na relação interpessoal.

Uma discussão que nos tempos atuais vem à tona quando se fala em ensino se refere ao uso de novas tecnologias. Acreditamos ser muito importante que o professor saiba aproveitar a tecnologia que está à sua disposição e fazer bom uso dela para aprimorar suas práticas pedagógicas, desenvolver metodologias inovadoras e principalmente tornar suas aulas mais dinâmicas e atrativas para que seus alunos tenham cada vez mais interesse em aprender e buscar novos conhecimentos.

Por outro lado, nos defrontamos com uma realidade de certo modo preocupante, na qual grupos governamentais, pensando apenas em estatísticas de pessoas formadas e de instituições privadas que enxergam um lucro fácil, usam das facilidades que os avanços tecnológicos oferecem para uma oferta indiscriminada de cursos superiores a distância, muitas vezes sem a mínima preocupação com a qualidade de ensino que estão oferecendo. Além da preocupação com a falta de comprometimento com a qualidade técnica e de conhecimento científico da maioria desses cursos, percebemos também muitas vezes que um recurso tecnológico acaba por substituir o contato com o outro e, conseqüentemente, a prática do diálogo e da comunicação, que estão cada vez mais difíceis de acontecer. Diante de tal situação, vale lembrar que a tecnologia representa uma importante ferramenta para nosso trabalho, uma aliada, porém, nunca uma substituta, pois ela não transmite emoções, nunca terá condições de avaliar e compreender as particularidades de cada aluno.

Como estimulante da condução da aula, precisamos ampliar nossas percepções em relação ao ambiente, de maneira que percebamos as coisas com tranquilidade, sem que isso modifique o nosso humor. Demo (2003, p. 23) afirma que “por trás do pensar está a idéia da compreensão do que se diz e faz”.

Deve partir de nós, professores, a flexibilidade nas atitudes, pois cada ser que está enquadrado no ambiente escolar possui individualidade e concepções diferentes. “Cada pessoa é, e sempre será um verdadeiro universo de individualidade; suas ações, seus motivos, seus sentimentos constituem paradigma único”. (ANTUNES, 2003, p. 9).

O processo de ensino e aprendizagem, e principalmente a formação humana, bem como hábitos de boa educação devem ser priorizados pelas escolas, porém, não são de

responsabilidade única da comunidade escolar. Os valores éticos e de educação devem ter início na família. Esses valores são pautados pelo diálogo entre pais e filhos e devem existir sempre, prevalecendo o respeito e o amor de ambas as partes. O primeiro passo para que haja esse diálogo é a conquista de confiança, criando elos de amizade e lealdade. É de fundamental importância que os pais consigam ouvir o que os filhos têm para lhes falar para que possam estar bem emocionalmente, pois sabemos que crianças que estão emocionalmente bem têm maiores chances de desempenho positivo nos objetivos da vida escolar, bem como tornam-se mais sociáveis e preparadas para enfrentar os desafios que a vida lhes propõe.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maria C. & MASSETO, M. T. **O professor universitário em aula**. São Paulo: MG Editores Associados, 1990.

ANTUNES, Celso. **Relações Interpessoais e Auto-estima**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. São Paulo: Gente, 2001.

CASTRO, José Renato Gomes. A construção do vínculo na relação de confiança entre professor-aluno-grupo. **Revista de Ciências da Educação**, São Paulo, v. 3, n. 4, p. 137-152, ago. 2001.

D'AMBROSIO, V (1999). **Educação para uma sociedade em transição**. Campinas, SP: Papirus.

DELORS, Jacques et al. **Educação: um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 1988.

DEMO, Pedro. **Educar pela Pesquisa**. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

ELIAS, Marisa Del Cioppo. **Pedagogia Freinet – Teoria e prática**. São Paulo: Papirus, 2000.

FRITZEN, Silvino José. **Relações Humanas Interpessoais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

GADOTTI, M. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo: Scipione, 1991.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional**. Tradução por Marcos Santarrita. 8. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995. Tradução de: Emotional Intelligence.

MATURANA, Humberto. **Uma nova concepção de aprendizagem**. Dois Pontos, 2, n. 15,

1993.

MATURANA, Humberto R. Emoções e linguagem na educação e na política. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

MIRAS, Mariana. Um ponto de partida para a aprendizagem de novos conteúdos: os conhecimentos prévios. In: COLL César (org). **O construtivismo na sala de aula**. 6ª edição, São Paulo: Ática, 1999. p. 57-77.

MENTES, Mandia. **Programa de pesquisa cognitiva**. Divisão de Ensino Especializado da Universidade de Witwatersrand-Africa do Sul. Tradução José Francisco Azevedo. São Paulo: Ed. Senac, 1997.

MORAES, M. C. Contextualizando a problemática educacional. In: Délcia Enricone e Marlene Grillo. (Org.). **Educação Superior: vivências e visão de futuro**. 01 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005, v. 01, p. 25-46.

MOSQUERA, Juan José Mouriño. **Psicodinâmica do aprender**. Porto Alegre: Sulina, 1984.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

WADSWORTH, Barry J. **Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget**. 5. Ed. São Paulo: Pioneira. 1997